

PENSANDO AS CONSTRUÇÕES HIPOTÉTICAS NA FALA GOIANA A PARTIR DE UMA PERSPECTIVA SOCIOCOGNITIVA



Revista
Desafios

Artigo Original
Original Article
Artículo Original

Thinking the hypothetic constructions in the Goiana speech from a sociocognitive perspective

Pensando las construcciones hipotéticas en la fala goiana a partir de una perspectiva sociocognitiva

Natália de Paula Reis^{*1}

¹ Doutoranda em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Letras e Linguística da Universidade Federal de Goiás

*Correspondência: Faculdade de Letras, Bloco Bernardo Élis, sala 65- Universidade Federal de Goiás, Avenida Esperança, s/n, Campus Samambaia Goiânia - Goiás – Brasil email nataliaah.r@hotmail.com

Artigo recebido em 24/09/2017 aprovado em 01/10/2018 publicado em 30/03/2019.

RESUMO

Este artigo tem por objetivo investigar as construções hipotéticas entendidas como construtoras de espaços mentais e os contextos pragmáticos dessas construções. A investigação tem como base teórica o Funcionalismo e a Teoria dos Espaços Mentais (Fauconnier 1994; Fauconnier e Sweetser 1996, Fauconnier e Turner, 2002) e estudos sobre relação causal estabelecida entre a prótase e a apódose em condicionais (Dancygier e Sweetser, 2005, Ferrari 1999, 2000). O *corpus* de análise compreende os dados coletados pelos integrantes do Projeto Fala Goiana da Universidade Federal de Goiás, ao qual este estudo está associado. Os dados coletados confirmaram a hipótese de que o construtor *se* foi mais produtivo na fala goiana do que outros construtores hipotéticos como *caso*, *quando*, *diz que*, *a menos que*, e de que as construções hipotéticas evocadas por espaços condicionais e contrafactuais demonstraram, muitas vezes, a perspectiva do falante em relação ao ato de fala.

Palavras-chave: Funcionalismo. Teoria dos Espaços Mentais. Construtor *se*.

ABSTRACT

*This paper aims to investigate the hypothetical constructions and pragmatics contexts of constructions. This constructions are understood like mental space builders. This research is based on Functionalism and Mental Spaces Theory (Fauconnier, 1994; Fauconnier and Sweetser, 1996; Fauconnier and Turner, 2002) and on studies about causal relations between protasis and apodosis (Ferrari Dancygier & Sweetser, 2005). The corpus of analysis comprised the data collected by members of the Fala Goiana Project of Universidade Federal de Goiás, which this study is associated. The collected data confirmed the hypothesis of the builder *if* has been more productive than others builders like *caso*, *quando*, *diz que*, *a menos que*. The hypothetical constructions with *se* has demonstrated the point of view of the speaker in discursive act.*

Keywords: Functionalism. Mental Spaces Theory. Builder *if*

RESUMEN

*Este artículo tiene como objetivo investigar las construcciones hipotéticas entendidas como constructoras de espacios mentales y los contextos pragmáticos de esas construcciones. La investigación tiene como base teórica el Funcionalismo y la Teoría de los Espacios Mentales (Fauconnier 1994, Fauconnier 1994, Fauconnier y Sweetser 1996, Fauconnier y Turner, 2002), y estudios sobre relación causal establecida entre la prótesis y la apodosis en condicionales (Dancygier y Sweetser, 2005, Ferrari 1999, 2000). El corpus de análisis comprende los datos recogidos por los integrantes del Proyecto Fala Goiana de la Universidad Federal de Goiás, al cual este estudio está asociado. Los datos recogidos confirmaron la hipótesis de que el constructor “*si*” fue más productivo en el*

habla goiana que otros constructores hipotéticos como “caso”, “cuando”, “dice que”, “a menos que”, y que las construcciones hipotéticas evocadas por espacios condicional y contrafactuales demostraron, muchas veces, la perspectiva del hablante en relación al acto de habla.

Descriptor: Funcionalismo. Espacios mentales. Constructor “si”

INTRODUÇÃO

Este artigo propõe um estudo sobre os construtores de espaços mentais de hipotetização no português contemporâneo falado em Goiás que, baseado no modelo funcionalista, nos termos de CROFT; CRUSE (2004), FERRARI (2009), NEVES (2000), SILVA (2012) e outros, considera o conhecimento da língua em uso e atenta para os níveis gramaticais, semânticos e pragmáticos-discursivos envolvidos nas construções.

Sabemos que as construções hipotéticas são encabeçadas principalmente pelo construtor “se”, mas também por outros como “caso”, “quando”, “diz que”, “a menos que”. Dessa forma, neste artigo, enfatizamos principalmente as construções hipotéticas com “se”, devido à maior ocorrência desse construtor no *corpus*, como observamos no uso a seguir:

(1) [...] aí o homem pregano lá na frente... ele foi e falô assim... aqui no nosso meio tem uma pessoa que saiu da casa dela e disse assim no coração dela... se Deus existe mesmo eu quero que ele fala comigo hoje... que eu já num guento mais essa gonia... essa frição... e essa pessoa tá qui... e ela já sentiu que é ela... e era eu... (MANC, F, 48)¹

A situação descrita em (1) demonstra que, muitas vezes, no uso das construções condicionais, o falante expressa seu julgamento sobre determinado evento/fato. Dessa maneira, expressa sua subjetividade, bem como a crença e dúvida do

colaborador. Nesse caso, a dúvida da falante em relação à “existência de Deus” codifica-se através da natureza estrutural da condicional, tanto pela presença da conjunção “se”, como pela presença do advérbio “mesmo”, que confirmam respectivamente as ideias de possibilidade/dúvida. Portanto, notamos, já de início, que as construções condicionais recobrem a noção de modalidade, que é fundamental na construção do sentido do discurso, e cuja função envolve a atitude do falante e do ouvinte, bem como sua intencionalidade. (KOCH, 2003).

Como aporte teórico da pesquisa, destacamos os trabalhos de Abreu (2010), Coscarelli (2005), Fauconnier (1994), Fauconnier e Turner (2002) e estudos sobre relação causal estabelecida entre a prótase e a apódose em condicionais (Dancygier e Sweetser, 2005, Ferrari 1999, 2000). Poucos estudos dedicaram-se à Teoria dos Espaços Mentais combinada às construções hipotéticas, dentre esses salientamos os de Miranda (1999) e Ferrari (1999, 2000).

É em vista disso que esta pesquisa se faz necessária, haja vista que apresenta as construções hipotéticas e os construtores de espaços mentais a partir de dados de língua falada em Goiás na contemporaneidade e considera os aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos-discursivos de dados reais de língua falada. Considerações sobre a multifuncionalidade do construtor “se” e os pontos de vista adotados pelo falante ao hipotetizar também foram levadas em conta nesse trabalho.

¹ Entre parênteses, há, respectivamente, as iniciais do nome completo do informante, o sexo e a idade.

Vinculados ao Projeto Fala Goiana, os usos analisados nessa pesquisa partiram de dados coletados pelos membros do Grupo de Estudos Funcionalistas da Universidade Federal de Goiás, que desde 2003 realizam estudos teóricos sobre a perspectiva funcionalista da linguagem e investigam fenômenos de constituição do Português do Brasil a partir de variedades linguísticas visíveis na fala goiana.

Este artigo está organizado em quatro seções. Na primeira seção, inicialmente, esboçamos um panorama sobre a proposta da pesquisa, bem como seu aporte teórico. Na segunda discutimos os métodos concernentes ao trabalho. Na terceira, quarta e quinta seções realizamos uma fundamentação teórica e análise dos dados. Por fim, na sexta seção, temos a conclusão, em que discutimos os principais resultados obtidos e retomamos as principais questões debatidas nesse artigo e, em seguida, apresentamos as referências.

MATERIAIS E MÉTODOS

Esta seção aborda os procedimentos adotados que estruturaram a fase de busca e a análise de dados empíricos pertinentes à pesquisa. Primeiramente, reunimos textos teóricos funcionalistas e cognitivistas concernentes à Teoria dos Espaços Mentais e às construções hipotéticas. A trajetória das leituras que contribuíram para delimitar o tema deste artigo iniciou-se com textos de autores brasileiros que definem e problematizam os espaços mentais, tais como Abreu (2010), Ferrari (1999, 2000), Miranda (1999), Silva (2012) e outros. Depois, já com algum conhecimento prévio da teoria, constamos, lemos e fichamos os textos precursores da teoria no original, tais como Fauconnier (1994, 1996) e Fauconnier e Turner (2002) e outros.

Em seguida, partimos para a coleta de dados. Como já haviam dados coletados pelos membros do Grupo de Estudos Funcionalistas, fizemos uma busca

das ocorrências de “se”, “caso”, “quando”, “diz que”, “a menos que” no *corpus*. Depois, examinamos as ocorrências das construções hipotéticas nas entrevistas do projeto *Fala Goiana*. Por fim, os dados coletados foram posteriormente analisados e interpretados à luz dos princípios funcionalistas da linguagem e da teoria dos espaços mentais, estudada anteriormente.

A TEORIA DOS ESPAÇOS MENTAIS

A Linguística Cognitiva é a abordagem da linguagem que tem como base as experiências culturais e sensoriais do homem no mundo. É uma proposta teórica que concebe o conhecimento da língua em uso (CROFT; CRUSE, 2004) e enfoca a dimensão simbólica da linguagem.

Algumas manifestações de capacidades cognitivas, como a Teoria dos Espaços Mentais, são fundamentais para a descrição dos processos que inter cruzam cognição e linguagem. Essa teoria consiste na formação de operações de correspondência entre domínios (*mappings*), indicadas por estruturas linguísticas específicas (FERRARI, 2011, p.109), que são estruturadas por um conjunto de conceitos acionados de modo inconsciente.

Os espaços mentais são considerados representações parciais construídas para o entendimento do ato de fala quando pensamos ou falamos. Segundo Fauconnier (1994), os espaços mentais “representam estruturas construídas no nível cognitivo” e são criados a partir de construtores de espaços mentais (*space builders*) e apresentados na materialidade linguística de formas variadas, como sintagmas preposicionais, marcadores de tempo e modo verbal e orações condicionais. Ferrari (2011, p. 111) apresenta como exemplo os seguintes construtores de espaços mentais no plano semântico:

- a) Espaços geográficos: *Na Índia*, as vacas são animais sagrados.

- b) Espaços temporais: *Quando o inverno chegar*, eles viajarão.
- c) Espaços condicionais: *Caso o time perca o jogo*, vai ser rebaixado.
- d) Espaços contrafactuais: Como seria a Terra, *se tivesse anéis como os de Saturno?*
- e) Espaços de representação: *Na novela*, a moça loira é morena.
- f) Espaços de domínios de atividades: *No futebol americano*, há jogadores que apenas defendem.

As construções *na Índia, quando o inverno chegar, caso o time perca o jogo, se tivesse anéis como os de Saturno, na novela, no futebol americano* são entendidas como construtores de espaços mentais porque ativam na mente certas “porções de realidade” e constituem domínios alternativos em relação a um espaço de base.

Os espaços mentais são construídos enquanto pensamos e falamos e permitem a formulação de hipóteses acerca da linguagem, do pensamento e de outros aspectos da vida humana. Ao realizar operações hipotéticas, a mente humana aciona e integra simultaneamente, espaços mentais, projetando-os para um terceiro espaço em que se configura o sentido. O processo de *blending* é o que permite a fusão desses espaços, por meio de operação de identidade entre suas estruturas e elementos presentes e projetando-os em um novo espaço (COSCARELLI, 2005), como se pode observar no uso e nas figuras que se seguem:

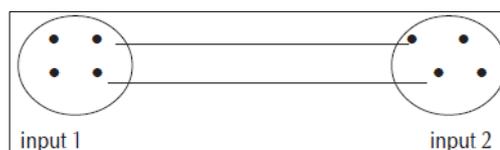
(1) [...] me apeguei demais com a professora... ela era um:... amor de pessoa comigo... primeiro porque quando eu entrei chamei ela de tia... e ela falô não... não sou tia... sua... eu não sou parente seu... você vai me chamá de professora... ou pelo meu nome mesmo... só que ela me tratava bem demais... *eu queria POR TUDO na vida que ela fosse minha mãe...* tudo porque ela era muito legal comigo... (FAS, F, 36)

Em (2), notamos a presença de uma construção hipotética, estruturada internamente, através do

processo de mesclagem/*blending*. Desse modo, há um espaço-mescla onde se instaura a perspectiva de contrafactualidade do falante sobre o discurso, mediante o processo de fusão de dois espaços que funcionam como *inputs*, herdando estruturas parciais desses espaços, porém, mantendo uma estrutura emergente própria (FAUCONNIER, 1994).

No uso, a falante, a partir de um primeiro espaço, o da noção geral de que toda mãe é amorosa/atenciosa e do pressuposto de que a mãe da falante parece não corresponder a essa noção, e de um segundo, relativo ao fato de a professora ser *legal/tratar ela bem demais*, projeta parcialmente contrapartes dos espaços, conforme ilustra a figura a seguir:

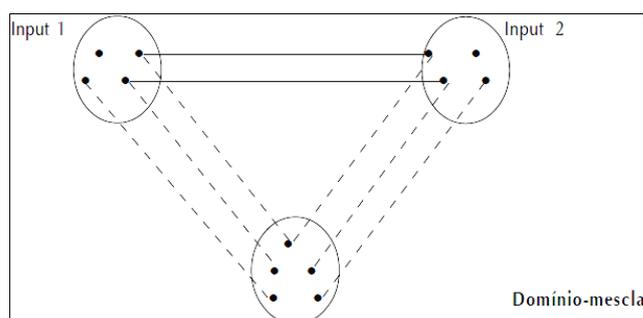
Figura 1: relações entre os espaços de base



Fonte: Fauconnier(1997, p. 150-151)

Em seguida, a partir dos dois já existentes, os *inputs* 1 e 2 são parcialmente projetados em um terceiro espaço, o domínio-mescla. Esse terceiro espaço configura-se numa espécie de professora-mãe que é amorosa e atenciosa, confrontando-se realidade e não realidade, conforme propõe o diagrama que se segue:

Figura 2: relações entre os espaços de base e o domínio-mescla



Fonte: Fauconnier (1997, p. 150-151)

Nessa óptica, notamos que a produção e a compreensão de sentidos ocorrem a partir de um processo de operações de projeção, articulação de múltiplos domínios e mesclagem conceptual e que, a partir da integração de espaços, podem surgir novas estruturas. Dessa maneira, a Teoria dos Espaços Mentais trata, por exemplo, das seguintes questões: “Qual é o espaço base? Que espaço é frequentemente o ponto de vista? Como é o ponto de vista focado em relação à base? Que espaço é o foco da atenção? Quais são as conexões entre os espaços? Quais são as configurações internas entre espaços?” (FAUCONNIER e SWEETSER, 1996, p. 13).

Uma das questões apresentadas por Fauconnier e Sweetser (1996) diz respeito à maneira como os Espaços Mentais são estruturados. Externamente são estruturados por conectores que delimitam as estruturas através da rede de espaços. Esses conectores são os já denominados construtores de espaços mentais (*space builders*), que são encarregados de marcar domínios cognitivos, que atuam sobre o discurso e estabelecem suas condições de validação (FERRARI, 2000). Os *space builders* são elementos linguísticos. No nosso caso, o “se”, “caso”, “quando” etc. Os dados coletados demonstraram que esses construtores são fundamentais na sinalização da hipotetização das construções.

Sabemos que o Modelo dos Espaços Mentais recobre o princípio da Mesclagem Conceptual e, portanto, a projeção entre domínios. Esses domínios, de acordo com Miranda (1999), podem ser de duas naturezas: estáveis e locais. Os *domínios estáveis*, que são aqueles em que está estocada a memória de longo termo, onde estão armazenados os *frames* adquiridos com experiências advindas da realidade, e, portanto, correspondem a estruturas de memória social ou pessoal. Por outro lado, os *domínios locais*, que são

aqueles em que é construída a memória de curto termo e onde ocorrem os espaços mentais, visto que eles se dão *online*, são construídos e desfeitos instantaneamente à medida que o discurso é construído e processado.

Segundo Fauconnier e Sweetser (1996), as construções não possuem um significado em si, mas salientam o sentido relevante no contexto em que se dá o discurso. Desse modo, o discurso suscita um jogo de operações complexas, que se referem às bases de conhecimento correspondentes à memória coletiva ou individual e aos alinhamentos das informações, reconhecidos no foco da interação. Portanto, ambos os domínios (estáveis e locais) são estruturados e evocados pelos falantes, manifestando-se por marcas linguísticas e contextuais (MIRANDA, 1999). Dessa maneira, nas construções, o significado estrutura-se internamente por *frames*, e, externamente, por conectores que delimitam as estruturas através da rede de espaços.

De acordo com Fillmore ([1982] 2009) *frames* são um sistema de conceitos relacionados de tal modo que para entendê-lo é necessário entender a estrutura toda na qual ele se encaixa. Em termos da teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994), os conhecimentos referentes aos *frames* exercem um papel relevante quanto à informação semântica, conforme podemos verificar na construção hipotética abaixo:

(3) Inf. É nada... ela é tira uma di evangélica só...((risos)) que ela ia toda vez... ela frequenta mais não... é assim frequentemente direto não... é só vez em quando sim dia di domingo qui ela vai... mais ela gostava de fumá, bebia, dançava... e **diz que** é evangélica. (DMC, M, 25)

Neste uso, há a presença da construção hipotética, estruturada por verbo + que (*diz que*), que revela a noção de especulativa/boato acerca da

religiosidade de determinada pessoa. Nesse uso, há a noção de *frame*, já que determinado enquadramento social permite a compreensão dos sentidos da construção. O falante, ao afirmar que determinada pessoa *diz ser evangélica*, ativa vários elementos envolvidos nesse mesmo evento, como, por exemplo, se comportar e ir frequentemente à igreja. Portanto, todos esses elementos fazem parte de um conceito maior que compõe o *frame evangélica*. Desse modo, o falante põe em dúvida a religiosidade de determinada pessoa pelo fato de ela fumar, beber e dançar e, assim, fugir da noção prototípica de evangélica (ou Modelo Cognitivo Idealizado), na qual crê o colaborador.

AS CONSTRUÇÕES HIPOTÉTICAS

As construções hipotéticas, na abordagem cognitivista, são estudadas a partir do pressuposto de que os parâmetros formais se relacionam aos parâmetros de interpretação determinados contextualmente (FERRARI 2000, 2001; FILLMORE, 1982). Dessa maneira, as hipotéticas possuem informações de cunho sintático e discursivo que são concernentes à descrição gramatical. Nessa perspectiva, este tipo de descrição, em que também se baseia o artigo, considera as sentenças hipotéticas como “construções”, tal como propõe a *gramática das construções* (FILLMORE, [1988] 2009).

Os construtores de espaços mentais hipotéticos são variados. Os principais são “caso”, “a menos que”, “quando”, “diz que”, “se” etc. Os construtores hipotéticos “*caso*” e “a menos que” não apareceram nos dados coletados. O construtor “quando” pôde ser visualizado apenas 6 vezes nos dados coletados e a construção “diz que” 14. Destacamos abaixo alguns usos em que se apresentaram os construtores “quando” e “diz que”:

(4) Doc. Ah::: tá... e porque que cê tem esse nome?

Inf. Porque... qua:::ndo a minha mãe casô... *ela falô que quando ela tivesse uma filha mulher... ela colocaria o nome de Maria/badia* (MANC, F, 48)

(5) Doc. Tinha medo de onça?

Inf. Uai... tinha né...? Dimais da conta... que *diz que as onça aqui pegava gente pegava vaca pegava cavalo pegava tudo né...* (MRDA, F, 70)

Em (4), o construtor *quando* constrói um espaço mental que ativa um espaço temporal no qual se cria a hipótese de a mãe ter uma filha e dar-lhe o nome de Maria d'Abadia. A palavra *quando* associada ao verbo no pretérito imperfeito do subjuntivo (*tivesse*) sinaliza para o interlocutor que a sequência narrativa deve ser interpretada como uma lembrança em que há uma hipótese criada pela mãe da falante no passado em relação a um evento que ocorreria posteriormente e que, de fato, ocorreu.

Em (5), notamos que por meio da construção “diz que” a falante mostra que informação enunciada (a de que as onças comiam os animais) pode ter sido originada possivelmente daquilo que ela ouviu falar, um *boato* talvez, ou seja, constitui um operador evidencial que mostra a origem da informação, tal como considera Casseb-Galvão (2002). A evidencialidade é uma categoria que indica como o falante tomou conhecimento de uma informação pela visão, pela audição, pelo cheiro, por inferência, por meio de boato etc. Ao mesmo tempo em que a falante postula a possível fonte da informação, ela procura não se comprometer com o que diz. Daí, percebemos uma relação entre o operador evidencial “diz que” e a modalidade epistêmica já que se demonstra a perspectiva/ponto de vista de determinado falante. O espaço mental criado por “diz que” sinaliza para o interlocutor que deve, então, interpretar o enunciado como uma verdade possível, mas não certa e uma verdade que não é de responsabilidade de quem a está enunciando. Da verdade possível emerge seu caráter

hipotético, mesmo que em grau menor do que em outros usos.

No que diz respeito à natureza das construções hipotéticas condicionais, de acordo com Neves (2000), é possível separá-las em três grupos: factuais, contrafactuais e eventuais/hipotéticas, conforme as relações estabelecidas entre antecedente e conseqüente e ao grau de hipoteticidade da verdade dos enunciados inter-relacionados.

Segundo Neves (2000), as construções condicionais hipotéticas caracterizam-se por expressarem uma condição na prótase (oração subordinada), que se eventualmente realizada implicará a consequência expressa pela apódose² (oração principal). Ademais, as construções envolvem a noção semântica modal de possibilidade, de modo que o falante, muitas vezes, pode ter uma atitude de dúvida em relação à possibilidade de ocorrência de determinado evento/fato.

Sweetser, (1990) in Ferrari (2000), propõe o esquema “Se p (então) q” para as construções hipotéticas condicionais introduzidas pelo “se”, pela prótase – sentença que cria uma expectativa em relação a uma segunda sentença – e pela apódose, segunda sentença normalmente a que responde à expectativa criada na prótase. Ademais, afirma-se que esse esquema abriga uma ampla variedade de construções linguísticas reais e que a relação de expectativa/causalidade entre as sentenças pode ocorrer em diferentes domínios cognitivos. No *corpus*, verificamos construções de domínio preditivo e epistêmico. Nas preditivas, estabelece-se uma relação de causa e efeito entre os eventos, enquanto nas epistêmicas, a relação estabelecida se dá entre premissa e conclusão no nível do raciocínio.

Os usos descritos abaixo demonstram como se deram as relações de causalidade em alguns dados das construções hipotéticas condicionais:

(6) uai... eu lembro de ter uma::... bitoquinha num rapaz... ((risos))... eu tinha medo né... acho que é... sei lá... o povo falava naquela época... ah::... *se você der um beijo...você vai ficar grávida...* ((risos))...minha mãe falava isso... minha mãe num gostava... (FAS, F, 36)

(7)[...] e hoje eu falo pra quoqué um... voceis não sai da cidade de voceis pra ir passá melhora em outro lugar... ouvi voz de terceiro assim... porque as pessoas conversa muito... aqui a gente combinamo um preço i lá era outro... *se a gente tivesse trabalhano aqui...era melhor do que tivesse ido...* mas tudo serviu de experiência né... (JCRO, M, 30)

No primeiro uso, notamos uma construção de caráter preditivo, enquanto, no último, temos uma condicional epistêmica. Em (6), ilustra-se o esquema “Se p (então) q”, em que a relação de causa e efeito estabelecida na preditiva se dá por meio do construtor “se”, que funciona como um modal, e do sentido estabelecido na prótase e apódose. As combinações sintáticas [SE V. FUT. SUBJ] e [V. FUT. IND] evidenciam a construção condicional preditiva. A relação causa-efeito na construção ocorre devido à crença de que um beijo (causa) pode gerar uma gravidez (efeito), hipótese essa que não tem possibilidade de se tornar factual. Em (7) temos uma condicional epistêmica, pois o falante a partir da premissa de que *se estivesse(m) trabalhando aqui*, conclui avaliativamente na apódose que *seria melhor do que tivesse ido*. Além disso, a epistêmica, nesse caso, se dá em uma construção hipotética tanto na

²As noções de *prótase* e *apódose* originam-se da lógica. Numa estrutura sintática composta de duas sentenças correlacionadas,

aquela que é subordinada ou dependente, no nosso caso, a encabeçada pelo “se”, é chamada prótase. Ela cria uma expectativa para a enunciação da segunda sentença, chamada apódose.

prótase, quanto na apódose, sinalizada pelo construtor “se”, e pelo verbo “tivesse” que aparece em ambas as orações.

Segundo Ferrari (2000), a conjunção “se” pode atuar em pelo menos três níveis: (a) cognitivo geral, como um operador de encaixe, ou seja, um introdutor de espaços mentais hipotéticos em que o segundo está subordinado ao primeiro; (b) lexical, atuando como marcador de não assertividades e (c) construcional, como introdutor de uma das orações da condicional, que apresenta as suposições p e q conectadas em domínios cognitivos específicos.

Nessa óptica, Ferrari analisa os parâmetros básicos da condicionalidade na gramática do português, considerando que as “características lexicais e estruturais são mapeadas em aspectos de interpretação de um modo que é específico” (2001, p.144) à construção. Levando-se em conta essa consideração, nas seções que se seguem, referimo-nos ao estudo do construtor “se” e à caracterização da forma verbal nas construções hipotéticas na Fala Goiana.

USOS SEMÂNTICOS DO CONSTRUTOR HIPOTÉTICO “SE” IDENTIFICADOS NO CORPUS

Do ponto de vista cognitivo, a conjunção “se” é considerada um operador de encaixe (*matching operator*), ou seja, um introdutor de espaços mentais hipotéticos em que um segundo espaço está subordinado a um primeiro. Segundo Ferrari (2000, 2001), a conjunção “se” agrega linguisticamente um status especial, tendo como referência a definição de ato de fala assertivo tratado por Searle (*in* Ferrari, 2000).

Dessa maneira, uma afirmação passa a ser uma expressão da crença do falante a partir das condições de felicidade: a) o falante possui evidências para sustentação da crença; b) o falante acredita que sua

crença é verdadeira e c) o ouvinte não compartilha necessariamente da mesma crença, sendo necessário ser lembrado ou informado. Os dados a seguir ajudam a identificar algumas dessas condições:

(8) uma vida boa muito boa mesmo...tinha tudo... móveis bão...casa... lote... e foi cabano assim...tudo cabô e hoje em dia ele mora lá... lá na casa da minha mãe... né? os lote qu/ele tem é muito pôco...a casa boa fo/imbora... o sonho qu/ele tinha cabô... os...acho que isso tamém através da família *se a esposa ajudá o esposo...vai pra frente... mais se num ajudá num tem como... num tem como só um... só uma cabeça fazê as coisa acontece... acho qui a esposa tem que sê sábia...né?* (MEPFB, F, 33)

(9) [...]ai um dia ela pegô i:::enfezô...falô assim pra mim...eu num vô mexê com nada minha sogra... vô dexáocêis do jeito que cêis tá porque cêis já costumôficá na barra da saia do seu sogro e da sua sogra... falô pro meu esposo... falei não *se Deus quisé Deus vai mim dá uma casa... falei pra ela assim na hora Deus vai mim dá uma casa...* (MEPFB, F, 33)

Os usos descritos acima demonstram que as construções hipotéticas suscitam geralmente a crença e o ponto de vista do falante. No uso (8), o falante acredita que se a esposa e o esposo não ajudarem um ao outro ‘as coisas’ podem não dar errado e apresenta evidências para a sustentação dessa crença. Essas evidências partem do exemplo de determinada pessoa da família do colaborador que perdeu a casa, os sonhos, por possivelmente não ter tido ajuda de sua esposa. Já na construção hipotética (9), também estruturada pelo construtor “se”, o falante acredita que sua crença em Deus é verdadeira, pois se for da vontade dele, o falante receberá uma casa.

Neves (2000) destaca que na língua portuguesa as orações condicionais são marcadas principalmente pelo “se”, mas também por outras

conjunções como: “caso”, “uma vez que”, “desde que”. Neste estudo investigamos principalmente as condicionais com a presença do “se”, que foi mais produtivo no *corpus*. Quantitativamente, foram observados, nos dados coletados, em média, 341 ocorrências do construtor “se”. Esse construtor apareceu 108 vezes em informantes do sexo masculino e 233 do sexo feminino.

Ademais, ainda no que diz respeito à crença do falante, houve nos dados coletados a ocorrência de várias construções. O primeiro tipo são as *construções cristalizadas*³, como podemos notar nos usos a seguir:

(10) naquele tempo era Zé Feliciano... que era o prefe... o governador do Estado... trazeno o asfalto de Goiânia pra Goiás... então nós saímo... alembro **como se fosse hoje**... o... aquele ônibu que era... era um ônibuaté verde... era expresso Guarani... ele num era... era... empresa não, era expresso... (BFS, M, 65)

(11) agora eu penso assim ó **se Deus o livre** minha mãe falecê de hoje pra manhã o que que vai virá? Eu sempre inda falo pra minha esposa...falo...ó hora **que Deus o livre** minha mãe falecê eu quero é distância dos meus irmão... eu num quero nada nada... se sobra uma coisinha pra mim eles quisé i trouxe tudo bem... (JS, M, 36)

(12) Então... **se Deus quisé** logo logo eu tô... pegano com Deus qu/ele vai libertá meu esposo... vai rumá um serviço bão pra ele... um serviço fixo pra ele um serviço pra mim... ()... a gente... vencê melhor né? (MEPFB, F, 33)

Nas amostragens acima, verificamos que os usos são construções já cristalizadas pelos falantes. No uso (10), podemos observar que o falante mesmo que não se faça possível produz a ideia de que a hipótese de um acontecimento passado se realize no presente,

haja vista que a lembrança do evento não se perdeu. Desse modo, notamos que, além do construtor “se” realizar a função hipotética efetiva também uma construção de espaço mental temporal, em que há um espaço *passado* em relação a um espaço-base *presente*. Em (11), a construção é encabeçada na primeira ocorrência pelo construtor “se” e na segunda pelo “que”. Em ambas as construções do uso (11) há uma negação/desconhecimento do falante em relação à concretização do evento *morte da mãe*, o que Fillmore (in Ferrari, 2000) denominou de postura epistêmica neutra. Ademais, notamos que as construções “se Deus o livre/que Deus o livre” demonstra o desejo do falante de que a hipótese não se realize. Por último, no uso (12), na construção “se Deus quisé”, também estruturada pelo construtor “se”, pressupõe-se que para a realização do desejo do falante, ou seja, a possível obtenção de um emprego para si e para o marido, a vontade de Deus se faz necessária. Percebemos ainda que as duas últimas construções hipotéticas demonstram a crença, religiosidade do falante e que estas foram bastante produtivas no *corpus*, em especial, a construção (12).

As construções hipotéticas com o “se” exerceram, em alguns usos, também o valor semântico de *contrafactualidade*, isto é, representaram um alto grau de hipoteticidade que se distancia bastante do espaço de base, como demonstram os usos a seguir:

(13) Ah... decepciona aí vai ino até... ainda mais é porque eu não dô conta de ficá longe da política... **se eu tivesse ficasse longe da política...eu num ia mexe cum política mais não**... eu falo pra minha muié bate... tem vez que dana comigo porque eu to mexeno cum política... mais eu num dô conta... (JCS, M, 30)

(14) quando eu chego do serviço... elas tá até arrumano casa... ah... e a outra gosta que a...que a

³Embora a terminologia “cristalizadas” possa conduzir ao sentido de ‘inflexível para a mudança’, preferimos usá-la no lugar de

“idiomáticas”, já que, para uma construção ser idiomática, é necessária uma série de critérios.

Nate... que é a caçulinha... gosta... *a Nata...gosta que ela obedece ela... como se ela fosse a mãe...* hora que eu saí ela é a mãe ((risos)) (SBLS, F, 28)

Os usos (13) e (14) indicam que o evento é contrário às expectativas do falante, trata-se de um contrafato, ou seja, um fato que pertence a um domínio que não o da realidade, da modalidade *irrealis*. Isso ocorre, possivelmente, devido ao fato que verificamos em ambos os usos que o falante utiliza o pretérito imperfeito do subjuntivo *se eu tivesse/se ela fosse*. Dessa maneira, um espaço mental hipotético é construído, de modo que o falante apresenta uma postura que se distancia da realidade. Além disso, notamos que, atrelada à contractualidade, coexiste a noção de pressuposição, observada em ambos os usos. Em (13) pressupõe-se que o falante está engajado na política. Em (14) pressupõe-se que a filha mais velha da falante, de fato, não é a mãe da filha mais nova, porém, no plano discursivo e, portanto, contrafactual, uma das irmãs se torna a mãe da outra pelas funções que exerce imaginativamente. Isso ocorre, repetimos, somente no nível discursivo e contrafactual construído, e não na realidade. É, portanto, um espaço mental porque sinaliza para o interlocutor a interpretação de que a filha mais velha age como a mãe da filha mais nova. Nesse uso, toda a construção *como se fosse* contribui para criar esse espaço, inclusive a palavra *como*.

Um outro uso semântico da construção hipotética bastante produtiva no *corpus* foi a de criação do espaço mental de *dúvida*. O não conhecimento do falante acerca de determinado evento o coloca frente a diferentes possibilidades de verdade/factualidade desse evento e isso o autoriza a usar um *space builder* que indica dúvida, incerteza. A construção “num sei se” revela esse uso:

(15) Diz que... eles falaram aí que tá legalizado ai tá arrumado lá mais falta um... umas coisa lá pra podê... organizá assim... tudo...né...pra ficá tudo im dia... acho que depende um pocô do prefeito um pocô lá *num sei se é do ministério público num sei quem que é...* só sei que falta umas coisa pra ficá legalizado...

(16) oia... em Brasília... eu fiquei lá... fui lá duas vez... fiquei uns deiz dia lá... pra mim é igual... assim tem gente diferente muito lá... tem gente do norte... tem desses...vêm de otos estado né... vem do Maranhão... lá tem gente diferente...*mas eu num sei se é porque eu quase num saía de casa né...*

Outros dois usos semânticos foram evidentes no *corpus*: o *investigativo hipotético* e o *ameaçador atemorizante persuasivo*, conforme demonstrado, respectivamente, abaixo:

(17) falava não... ela tem lúpus... eu num entendia... lúpus era pra mim uma marca de meia... *num tem essa marca de meia até hoje...*ela falava não... ela tem lúpus... aí chegava uma:... uma médica i falava assim... “não:... doutor isso é lúpus...” que que vocês estão falando de meia... *e o médico perguntando se eu tinha periquito em casa... se eu já tinha gato...* aí nesse período que fez o exame constatou (FAS, F, 36)

(18) O meu avô contava mais história... todos os dia a tarde... () fazia uma foguerinha lá na porta do rancho e... contava história... nós saía tudo correno de medo... ele contava uma história de uns bicho... que tinha sete cabe::ça... cinco mã::o... deis oio::... e amanhã meninada *se ocêis ficá custoso...ele vai parece aqui durante o dia...* nós morria de pavô... (MANC, F, 48)

Em (17), a narrativa do falante aponta para as perguntas do médico como forma de verificar/investigar diferentes possibilidades que poderiam ser a causa de uma doença que deveria ser

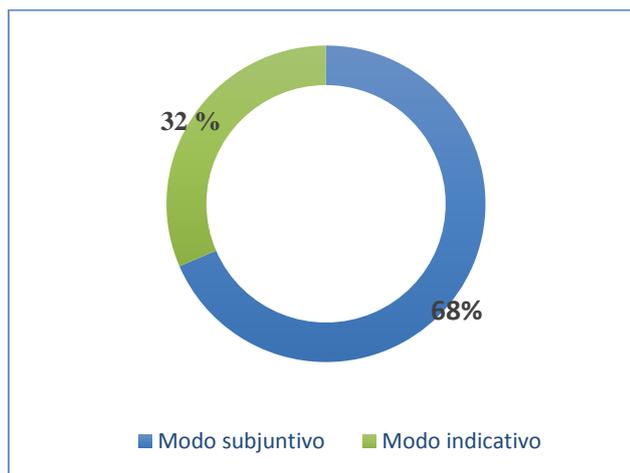
diagnosticada. Essa função investigativa hipotética só é possível também porque o verbo “perguntar” integra a construção. Em (18), o construtor “se” opera com o objetivo de mudar o comportamento das crianças da narrativa para que não ficassem ‘custosas’, caso contrário receberiam uma sanção negativa: ‘um bicho as pegaria’. Constrói-se, portanto, o espaço mental do medo por meio de *space builders* condicionais com o objetivo de mudar persuasivamente o comportamento do outro.

Esses foram os usos mais relevantes do construtor “se” no *corpus*. Passaremos, agora, à descrição e problematização dos tempos verbais das construções hipotéticas.

TEMPOS VERBAIS DAS CONSTRUÇÕES

Em relação às flexões modo-temporais dos verbos em construções com “se”, foram reconhecidos nos dados coletados os mais variados tempos. Notamos, no gráfico abaixo, a porcentagem da ocorrência dos modos verbais nas construções hipotéticas estruturadas pelo construtor “se”:

Figura 3: gráfico contendo o percentual de modos verbais



O gráfico ilustra a maior recorrência de verbos no subjuntivo nas construções hipotéticas identificadas no *corpus*. Isso ocorreu, possivelmente pois a presença do subjuntivo estabeleceu a significação do não fato, ou a modalidade *irrealis*,

argumentada por Fauconnier (1985) e Ferrari (2011) como sinalizador do ponto de vista do falante. Destacamos nos dados coletados a preferência dos falantes pelo uso do futuro do subjuntivo na prótase e o presente do indicativo na apódose, como demonstram os usos a seguir:

(19) então até hoje o que bate ni mim é o sistema emocional... *se eu tiver bem meu emocional... minha saúde tá... vai bem... se eu tiver mal no emocional... minha saúde vai mal...* então é uma coisa muito... hoje eu entro na internet e vejo algumas coisas sobre lupus e fico as vezes pensando que vai ter cura né...(FAS, F, 36)

(20) Aí:: a necessidade tamém... que eu sempre trazia Deus... sempre... eu trouxe Deus muito próximo de mim... eu sempre senti a presença de Deus e aí:: o rapaz falou assim não eu vô pra cozinha *se não der certo... eu vô...eu procuro otro trabalho...* (JCRO, M, 30)

(21) Vêi Barrero botô duas garrafa... uma... uma na cabcêra uma mesa ôta nôta... ahcês pode sirvi aí... e o povo bap... bap... bap... eu mais o fíó... esse que era F. que era colega meu qui nós tinha saído daqui de Goiás... eu peguei e falei pra ele: com'ê qui é?... vamo bebê não... não num vai bebê não hem!... *se ocê bebê aí noi dá mancada aqui...* o homi tá cum confiança ni nós... num pode dá mancada não... (BFS, M, 65)

Os usos citados ilustram o esquema [Se P fut. do subjuntivo, Q pres. do indicativo], que compreendem a combinação modo-temporal futuro do subjuntivo e presente do modo indicativo. Em (19) o uso do futuro do subjuntivo indica a possibilidade de, no futuro, o falante estar bem emocionalmente ou não, ou seja, o desconhecimento do falante acerca do seu estado de saúde futuro. Esse desconhecimento por parte do falante foi chamado por Fillmore (*in* Ferrari, 2000) de postura epistêmica neutra, como já dito

anteriormente. O falante reportado abre um espaço mental hipotético no futuro do subjuntivo, *se eu tiver bem*, para, em seguida, apresentar uma conclusão no presente sobre um evento futuro *minha saúde vai bem*. Dessa maneira, notamos que o uso do presente do indicativo nos contextos acima tem sido tratado de acordo com os trabalhos de Dancygier e Sweetser (2005) como “recuo temporal” (*temporal backshift*), em que se usa um tempo no lugar de outro. O uso (20), por sua vez, estrutura-se com o construtor “se”, com a forma negativa do verbo “dar” no futuro do subjuntivo e com os verbos “ir/procurar” no presente do indicativo. Nessa construção o falante demonstra incerteza sobre o emprego em que se encontra, sinalizando uma das opções de ações futuras (“continuar ou não no emprego”) e uma alternativa possível em consequência de não continuar no emprego (“procurar outro trabalho”).

Em (21), além de se ilustrar a presença de uma condicional nos tempos verbais supracitados, a construção demonstra uma função discursiva de aconselhamento, advertência, já que no evento o falante pressupõe que ‘a bebida’ pode colocar em risco seu emprego. Em face do uso do tempo presente na apódose, sublinhamos que há uma conclusão por parte do falante no presente, ou seja, no momento do discurso, a respeito de um evento posterior ao evento de fala. Desse modo, a indicação de uma perspectiva mais subjetiva em relação ao evento da apódose caracteriza essas construções.

É interessante notar também que as correlações modo-temporais que compreendem os esquemas [Se Ppret. imp. do subjuntivo, Qpret. imp. do indicativo] e [Se Ppret. imp. do subjuntivo, Qfut. do pret. do indicativo] foram bastante produtivas no *corpus*, como ilustra os usos que se seguem:

Quadro 1: configuração sintático dos tempos verbais

Configuração sintática	Exemplo
[Se Ppret. imp. do subjuntivo, Qpret. imp. do indicativo]	(22) eu falei uma vez pra ele... falei é... se você me ajudasse eu:... eu ia no hospital com você... eu ia no médico com você... eu ia interna com você... só que ninguém me ajuda né pai... (RLMS, F, 40) (23) É... eu tenho vontade de aprendê a escrevê... eu sinto num tê leitura... qu/eu se tivesse leitura eu... fazia um poema da vida... do que tá passano comigo... com meus próximo né? (JCS, M, 72)
[Se Ppret. imp. do subjuntivo, Qfut. do pret. do indicativo]	(24) olha:: foi muito bom... mais... si fosse hoje eu não teria ... na idade qui eu tive... porque eu não tive adolescência... eu não aproveitei nadinha o que as minhas filhas faz hoje eu não faço agora que eu tô fazendo depois de velha né... qui eu estou separada (APS, F, 33) (25) já fui a Caldas... Anápolis... Goiás Velho... Brasília... São Paulo... gosto muito de Caldas e São Paulo... se eu pudesse voltar... eu voltaria ... mais vezes... (LRON, F, 20)

Percebemos que em (22) e (23) os tempos verbais das construções compreendem na prótase o pretérito imperfeito do subjuntivo e na apódose o pretérito imperfeito do indicativo, enquanto em (24) e (25) o pretérito imperfeito do subjuntivo e o futuro do pretérito do indicativo, respectivamente. Notamos ainda que em todas as construções o falante exprime um processo posterior a um processo passado. Em (22) o falante substitui *eu iria* por *eu ia*, e em (23) *eu faria*, por *eu fazia*. Os usos demonstram, portanto, que o pretérito imperfeito pode exprimir assim como o futuro do pretérito um processo passado com duração no tempo, podendo também ser usado para expressar

irrealidade. Desse modo, o falante usa de forma condensada o quadro verbal de que a língua dispõe e substitui o futuro do pretérito do indicativo, previsto pela gramática tradicional, pelo pretérito imperfeito do indicativo. Nesse sentido, a alternância entre os tempos verbais do pretérito imperfeito e do futuro do pretérito são possíveis, conforme os contextos de uso, pelo fato de esses verbos compartilharem a possibilidade de exprimir hipótese/incerteza e de apresentarem traços de caráter inconcluso.

O recuo temporal (*temporal backshift*), utilização do presente do indicativo no lugar do futuro do pretérito, é uma estratégia do falante para dinamizar o evento descrito. Como o presente é o tempo de referência na mente, normalmente ele é selecionado para ser a âncora em relação aos outros tempos verbais.

Feita a consideração sobre os tempos verbais que compõem as construções hipotéticas condicionais, passamos às considerações finais deste texto.

CONCLUSÃO

Diferentemente da concepção de que a gramática existe independentemente dos sujeitos nas ações e nos meios culturais e físicos, optamos neste trabalho por um caminho cuja investigação linguística considera as experiências físicas, culturais e os conhecimentos socialmente construídos pelos falantes. Nesse sentido, investigáramos os diferentes papéis e funções na esfera estrutural, pragmática e semântica das construções.

Dessa maneira, verificamos que as construções hipotéticas recobrem a noção de modalidade, e demonstram, muitas vezes, o ponto de vista adotado pelo falante e que, no nível construcional, o esquema “se p (então) q” se pode alterar em determinados contextos. Semanticamente, as construções expressaram os mais variados usos, como, por exemplo, construção cristalizada,

contrafactualidade, dúvida, investigativa hipotética, ameaçadora atemorizante persuasiva.

Conforme atestaram os dados da fala goiana, confirmamos a hipótese da maior produtividade do construtor “se” e de verbos no subjuntivo. Além disso, as combinações dos modos verbais em “se p, q” suscitou diferentes perspectivas do fenômeno da condicionalidade no que diz respeito às crenças, estados de coisas e ações dos falantes. Verificamos também nos dados coletados que tanto aspectos semânticos, sintáticos e contextuais-discursivos contribuíram para a criação dos espaços mentais, que surgem e se desfazem com o objetivo principal de sinalizar os modos pelos quais o discurso deve ser recebido e interpretado.

A autora declara não haver qualquer potencial conflito de interesses referente a este artigo.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Antônio Suárez. **Linguística Cognitiva: Uma visão Geral e Aplicada**. Cotia, São Paulo: Ateliê Editorial, 2010.
- CASSEB-GALVÃO, V. C. **Evidencialidade e gramaticalização no português do Brasil: os usos da expressão *diz que***. Araraquara, SP: UNESP, 2004. (Tese de Doutorado).
- COSCARELLI, C. V. Entrevista: Uma conversa com Gilles Fauconnier. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v.5. n.2. 2005. p. 291-303.
- CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive linguistics**. [Cambridge Textbooks in Linguistics]. Cambridge: Cambridge University Press. 2004.
- DANCYGIER, B. e SWEETSER, E. **Mental Spaces in grammar: conditional constructions**. Cambridge: Cambridge University Press. 2005
- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in thought and language**. Cambridge University Press, 1997.
- _____. **Mental spaces**. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FAUCONNIER, G.; SWEETSER, E. (eds.) **Spaces Worlds and Grammar**. Chicago: The University of Chicago Press, 1996.

FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**: conceptual blending and the mind's hidden complexities. USA: Basic Book, a member of the Perseus Book Group, New York, 2002.

FERRARI, L. V. **Introdução à linguística cognitiva**. São Paulo: Contexto, 2011.

_____. Construções gramaticais e a Gramática das construções condicionais. **SCRIPTA**, BeloHorizonte, v. 5, n. 9, p. 143-150, 2001

_____. Postura epistêmica, ponto de vista e mesclagem em construções condicionais na interação conversacional. **Revista Veredas**. v. 3, n. 1, Juiz de Fora: Ed.ufjf, 1999.

_____. Os parâmetros básicos da condicionalidade na visão cognitivista. **Veredas: Revista de estudos linguísticos**, Juiz de Fora, MG: EDUFJF, v. 4, n. 1, jan-jun, 2000, p. 21-30.

FILLMORE, Charles J. Semântica de Frames. Trad. De Galeno Fae da Silva. Porto Alegre, RS. Jul-Dez, 2009. **Cadernos de Tradução**, nº 25. p.25-54. Trad. De *Frame Semantics*.

KOCH, I. V. **A inter-ação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 2003.

MIRANDA, Neusa Salim. Domínios conceituais e projeções entre domínios: uma introdução ao Modelo dos Espaços Mentais. **Veredas: Revista de Estudos Linguísticos**, Juiz de Fora, EDUFJF, v. 3, n. 1, jan.-jun. 1999, p. 81-95

NEVES, M. H. M. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Unesp, 2000.

SILVA, Leosmar Aparecido da. **As bases corporais da gramática**: um estudo sobre conceptualização e metaforização no português brasileiro. 2012. 284 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2012.